

**A batalha contra o dragão
que pulverizava dinheiro****The battle against the dragon
which pulverized money****Luciano Domingos da Cruz**Jornalista; mestrando do Programa de Mestrado em Comunicação da
Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS.

Houve um tempo em que uma estanha criatura atemorizava o Brasil. Fixado no imaginário coletivo na figura de um indefectível dragão – que, em instantes, fazia do dinheiro cinzas – à inflação coube, por muitos anos, o *status* de inimigo público número um, e não sem motivos: milhões de famílias, principalmente as de baixa renda, foram, dia após dia, expropriadas de suas economias por um adversário invisível, entrave inequívoco para o desenvolvimento do País.

É a história do combate travado contra esse terrível monstro que a jornalista Miriam Leitão narrou em sua obra *Saga brasileira – a longa luta de um povo por sua moeda*¹.

Escrito de forma clara e acessível, o livro é constituído por capítulos curtos – 22 no total – que transportam o leitor a momentos marcantes da trajetória econômica e política do País, sempre contextualizados por relatos e experiências de personagens reais, por meio dos quais, ao se virar de cada página, reconstrói-se o ambiente de expectativa, euforia e angústia que permeou cada *round* desse confronto.

Logo no início de sua *Saga*, a autora traçou um rápido painel da inflação no Brasil, partindo do longínquo Brasil Colônia, período em que Dom João VI cunhava moedas para financiar os gastos da Corte recém-chegada, passando por episódios como o quase esquecido encilhamento – primeira crise inflacionária do País, resultado da emissão excessiva de moeda sem lastro, ocorrida no limiar do período republicano – até chegar aos dias atuais, com os desdobramentos da crise financeira mundial e os rumos da política econômica no governo da Presidente Dilma Rousseff.

Todavia, o foco central da obra está nas tentativas de combate à inflação colocadas em prática nas duas últimas décadas do século XX, sobretudo nos fatos relacionados aos planos Cruzado, Collor e Real. Leitão detalhou cada um deles, com interesse especial no reflexo que causaram na vida do cidadão comum.

Para a jornalista, a estabilidade monetária é uma conquista de todos os brasileiros, que só foi possível ao fim de um longo aprendizado para o qual cada experiência contribuiu de alguma forma. Nesse sentido, afirmou, por exemplo, que “o Plano Cruzado fracassou porque a inflação voltou, mas

foi bem-sucedido porque ensinou que era possível viver sem aquele pesadelo... Seu fracasso ensinou que não existem remédios de efeito instantâneo” (p. 437).

Mesmo o Plano Collor, “a mais absurda das invasões na vida privada” do País (p. 22), produto do improviso e da insensatez de uma equipe econômica que tinha no comando uma ministra “com alguma experiência no serviço público, mediana formação acadêmica e espantosa fragilidade emocional” (p. 164), deixou sua cota de contribuição. “O Plano Collor não se justificará jamais na ignomínia do sequestro dos ativos, mas foi naquele infeliz governo que o País começou a abrir a economia e fazer o esforço da modernização” (p. 438).

O Plano Real, por sua vez, “ensinou que até as vitórias têm efeitos colaterais indesejados. Foi preciso enfrentar as tempestades que vieram após a queda da inflação: a quebra dos bancos, as crises cambiais” (p. 438).

Fazendo uso de toda a técnica acumulada em mais de 30 anos de trabalho nas redações de importantes jornais do País, Leitão acertou ao imprimir ritmo de reportagem em sua obra. O turbilhão econômico brasileiro é retratado sem os excessivos jargões que costumam caracterizar lançamentos do gênero. Os números, fina flor do discurso econômico, nunca aparecem isolados, aprisionados em tabelas ou balanços, ao contrário, estão – do início ao fim do livro – a serviço de histórias de vida. É o fator humano, e não as equações matemáticas, o grande impulsionador da narrativa. Sintomático que as fotos que ilustram as páginas centrais do livro tragam imagens das pessoas afetadas pelos sucessivos choques econômicos, e não as das autoridades por eles responsáveis. Isso diz muito sobre a convicção da autora sobre quem esteve, verdadeiramente, no *front* da luta pela estabilização.

A jornalista também foi bem-sucedida ao estabelecer relações mais amplas, como quando sugeriu uma comparação do quadro político-econômico-social do Brasil de 1989 com o que viveu a Alemanha em 1923, momentos em que a hiperinflação colocou em xeque democracias recém-conquistadas. A frase “a moeda, às vezes, marca a fronteira entre civilização e barbárie” (p. 227) é um convite à reflexão. O



¹ Leitão, Miriam. *Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. Rio de Janeiro: Record, 2011. 475p.

A batalha contra o dragão que pulverizava dinheiro

mesmo ocorre em relação a “nos acostumávamos à inflação como temos nos acostumado à piora da prática política” (p. 443). Colocada na parte final do livro, a advertência, assim como outra que, na sequência, chama a atenção para os graves problemas do setor educacional brasileiro, tem a função de nos lembrar que, vencida a batalha contra o terrível dragão, outras frentes nos tangem a cerrar fileiras. E eu incluiria a questão da segurança pública no mesmo contexto. Aliás, outro mérito de *A saga brasileira* é deixar claro, a todo o momento, que há muito ainda por fazer. Mesmo a inflação

não pode ser considerada permanentemente derrotada. Trata-se de um inimigo abatido, mas que permanecerá à espreita, aguardando qualquer deslize para voltar a nos desafiar.

Indicado a todos os interessados em saber mais sobre as idas e vindas, os medos e as esperanças por trás da trajetória monetária brasileira, o livro da jornalista Miriam Leitão cumpre o objetivo de lembrar às antigas gerações – e contar para as mais recentes – a história de um bravo povo, que enfrentou e venceu um terrível dragão. Uma história que, forma alguma, deve ser esquecida.